XIII Encontro Nacional de História Oral
História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade
01 a 04 de maio 2016 Associação Brasileira de História Oral Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O silêncio a respeito de *Luz del Fuego*

SILVANA MARIA GOMES DA ROCHA*

O grande processo imigratório da Itália para a América da segunda metade do século XIX e início do XX, motivados pela pobreza, pelas perspectivas de lucros para os agenciadores de mão de obra e para os armadores de Gênova (TRENTO, 19: 37-41), bem como a oferta de trabalho em colônias de particulares e a propaganda de oferta de terras a baixo custo oferecidas pelo governo brasileiro, atraiu uma grande quantidade de cidadãos italianos para o Brasil com a esperança de refazer suas vidas após uma sucessão de guerras para a unificação da Itália. chegou em casa e comunicou à esposa Margarida a sua vinda para o Brasil. Para respaldar sua atitude, ele citava as notícias dos patrícios bem sucedidos em novas terras e, por fim, prometeu

Neste cenário, em algum dia do ano de 1876, José Vivacqua que, uma vez em outro país, providenciaria a ida da esposa e dos cinco filhos. Durante seis anos, José enviou apenas duas cartas; as demais notícias eram obtidas por terceiros. De concreto, Margarida possuía apenas uma informação: José residia em um arraial chamado Divino Espírito Santo do Rio Pardo, atual Muniz Freire (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 30-32).

Então, Margarida tomou uma decisão: vendeu a pequena propriedade em Castelucci e veio para o Brasil com os filhos. Margarida partiu de Gênova e depois de quase dois meses de viagem penosa chegou ao dito arraial. Quando vislumbrou o lugarejo e o pequeno comércio do qual o marido tentava sobreviver, caiu em decepção, mas não desanimou: com o dinheiro que trouxe com a venda do terreno, construiu uma casa, um empório e comprou animais de carga para transportar as mercadorias. No terreno concedido pelo governo, criou gado e gêneros de subsistência (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 32-33).

Margarida deixou o marido se dedicar à bebida e às discussões sobre política: era um republicano convicto. E, apesar de analfabeta e de ter ganhado mais quatro filhos, tornou-se

* (UFES, Mestranda em História Social das Relações Políticas, apoio IFES *campus* Piúma).

uma exímia administradora: ampliou os negócios da família e dividiu as tarefas entre os filhos mais velhos (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 33). Também se envolvia diretamente em demandas que diziam respeito ao lugarejo, tais como a construção da igreja e do cemitério, como também sempre opinava sobre questões conjugais, batizados e noivados (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 33-34).

Margarida Vivacqua, ao romper com o papel de mulher submissa ao marido, em que as atividades deveriam estar circunscritas ao espaço doméstico, deixou à mostra sua personalidade peculiar quando apresenta um padrão comportamental bastante diferente daqueles tipificados, cujas origens estão na formação das instituições e dos hábitos (BERGER; LUCKMAN, 2004: 84-85). Margarida Vivacqua é uma demonstração de quão vulnerável e insuficiente é a função social dos gêneros para explicar processos políticos.

Um dos filhos de Margarida, Antônio Vivacqua, não possuía talento para gerir os negócios, tanto que os irmãos não desejavam empreender nenhuma sociedade com ele. Mesmo assim, os filhos e filhas deveriam realizar casamentos lucrativos. Nesse cenário, portanto, Antônio casou-se com Etelvina. Ele mal ficava em casa; era ela que, com ajuda da sogra, administrou por 14 anos os negócios, contratava os empregados, gerenciava a casa, cuidava dos filhos e se dedicava intensamente aos ritos da Igreja Católica (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 32-33).

É importante esclarecer que antes de ser uma Vivacqua, Etelvina era uma Souza Monteiro[1], família de grande poder econômico e político nas primeiras décadas do século XX no Espírito Santo. Quando o seu pai faleceu, ela herdou oito fazendas. Então, sua família mudou-se para Cachoeiro de Itapemirim e uma das decisões do marido foi lotear uma das propriedades que se localizava próximo ao processo de urbanização da referida cidade. Com isso e o cultivo do café, Antônio adquiriu uma luxuosa residência na Rua Costa Pereira[2], uma das vias mais prestigiadas de Cachoeiro (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 32).

[1] Família de Cachoeiro de Itapemirim da qual pertenciam os governadores do Espírito Santo Jerônimo Monteiro, Bernardino Monteiro, Carlos Linderberg, bem como o Bispo Dom Fernando Monteiro.
[2] Costa Pereira foi Presidente da Província do Espírito Santo de 1861 a 1863.

FIGURA 1 - Palacete Vivacqua. Fonte: Silvana Mª Gomes da Rocha (arquivo particular).

Inicialmente, foi muito difícil para Etelvina privar-se da companhia determinada de sua sogra Margarida e, muito embora passasse a usufruir de uma vida mais confortável com a contratação de empregados, ela continuou se dedicando com afinco aos afazeres domésticos e religiosos. Com essas atividades e a ampliação da prole[3], Etelvina deixou de exercer o controle sobre os seus filhos e filhas. Até então, a sua preocupação era Mariquinhas: enquanto esta lia autores franceses e afirmava que se uniria a um homem por amor, as demais irmãs mais velhas pensavam em frivolidades e casamentos (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 32).

É claro que não podemos creditar ao comportamento *sui generis* de Mariquinhas apenas o fato de ela ter estudado na capital, pois algumas de suas irmãs também o fizeram. Mas tais concepções de vida distanciaram mãe e filha: a primeira julgava Mariquinhas "uma perdida" e a segunda achava Etelvina uma mulher conservadora. Neste contexto, as pessoas com as quais Mariquinhas conseguiu estreitar os laços familiares foram Acquiles, leitor ávido tal como ela, e a ainda a pequena Dora (nascida em 21 de fevereiro de 1917), a quem ensinou a desenhar. (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 32).

Devido ao diagnóstico de tuberculose de Acquiles, a família transferiu-se para Belo Horizonte devido ao seu clima mais aprazível. Apesar da nova residência, Antônio e seus filhos mais velhos estavam constantemente em Cachoeiro e na capital, Vitória, resolvendo questões econômicas, e porque Atílio[4], além de advogado de renome, também despontara em cargos políticos na cidade e no Estado. Ele se afastou de suas funções com o Golpe de 1930, quando o interventor João Punaro Bley iniciou a desarticulação da elite local, fortemente contrária à ascensão de Getúlio Vargas.

Por outro lado, Acquiles, em Belo Horizonte, uniu-se a vários jornalistas e literatos, tornando-se um dos poetas mais importantes do Modernismo da capital mineira. Ao mesmo tempo, Mariquinhas passou a organizar o famoso Salão Vivacqua, onde aqueles amigos de Acquiles se reuniam para ouvir boa música, declamar poesias, se inteirar das últimas notícias e,

[3] Etelvina teve 16 filhos, sendo que um deles faleceu antes de completar dois anos de idade.
[4] Até esse momento, Atílio, o filho mais velho, já tinha sido Presidente da Câmara de Vereadores de Cachoeiro de Itapemirim, Deputado Estadual e Secretario Estadual da Instrução Pública da Educação.

finalmente, dançar. Tanto Etelvina e as mães dos demais convidados viam nesses encontros uma grande oportunidade para que seus filhos fizessem bons casamentos. (AGOSTINHO, PAULA, BRANDÃO, 1989: 32).

Dora, desde criança, manifestou um carinho ímpar pelos animais: levava para casa gatos e cachorros com os quais se deparava pelas ruas, assim como cuidava e conversava com os mesmos, fato irritante para as suas irmãs. Apesar disso, implorava a elas que a levassem a um lugar pouco provável de interessar uma criança de 6 anos: o Serpentário do Instituto Ezequiel Dias, próximo à praça Liberdade, em Belo Horizonte. Mas era Acquiles o mais paciente: foi ele quem lhe proporcionou o primeiro contato físico com uma cobra, um filhote de jiboia (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 32).

Em 1929, boa parte de seus filhos e filhas mais velhos tinham se casado segundo os interesses políticos e econômicos das famílias envolvidas no enlace matrimonial, com exceção de Mariquinhas: ela uniu-se em matrimônio com o poeta pobre Izimbardo Peixoto e foi banida do convívio familiar. Como a saúde de Acquiles estava mais estável, Etelvina resolveu voltar a se estabelecer em Cachoeiro com os filhos mais jovens e para ficar mais próxima do marido. Foi a partir desse momento que o relacionamento de Dora e sua mãe começou a ficar substancialmente difícil (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 32).

Quando Dora experimentou pela primeira vez o contato com uma cobra, Mariquinhas a comparou a um homenzinho por sua coragem. Tal elogio fez a menina cortar os cabelos e usar roupas de menino. Percebemos, então, o desejo de Dora: ser vista e respeitada como uma menina forte. Mas em sua concepção ainda infantil, ser uma pessoa forte implicava ser vista como a um homem. Apesar da separação das irmãs depois do casamento de Mariquinhas, tornou-se explícita a admiração crescente de Dora pela irmã, a ponto de desejar que esta fosse sua mãe.

Por outro lado, não podemos menosprezar o fato de que a riqueza crescente dos Vivacqua proporcionou a circulação das pessoas de privilegiada formação acadêmica tanto na residência em Belo Horizonte como em Cachoeiro. Apesar de não ser um fator condicionante, não podemos minimizar a contribuição desse dado na construção dos traços da personalidade de Dora. Esta estava inconformada com o retorno para Cachoeiro, pois achava a cidade pequena

e provinciana. Quando lhe perguntavam sobre seu projeto de vida, resumia tudo na seguinte afirmativa: ser famosa.

Enquanto ainda não sabia como atingiria seu intento, criava problemas na escola, não fazia uso de sutiã, criava mal-estar desfilando na praia – Marataízes – trajando somente calcinha e um lenço sobre os seios, organizava os blocos de carnaval com nomes picantes e suas respectivas fantasias, e também esnobava constantemente os namorados (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 86-87). Muitas pessoas a consideravam uma mocinha rica e mimada, porém outras passaram enxergar nesse comportamento, embora inconsciente, um desejo de forjar sua própria identidade fora dos domínios impostos pelos familiares.

Nesse meio tempo, em sua penúltima estadia em Cachoeiro, quando Dora contava com quinze anos, os Vivacqua vivenciaram um acontecimento trágico: o assassinato de Antônio, o patriarca da família. Este estivera ouvindo as notícias da Revolta Constitucionalista de São Paulo, em 1932, no Caçadores Carnavalesco Clube e resolvera ir para casa, localizada do outro lado da rua. Nesse momento, foi alvejado pelos tiros disparados pelos irmãos Manoel e Benedito Caxeiro, pelo fato de terem sido expulsos das terras de Antônio (CARVALHO, 2007: 156-157).

Segundo a versão mais difundida, quem socorreu a vítima foram os irmãos Newton e Rubem Braga, antigetulistas ferrenhos e muito amigos dos Vivacqua. Eles levaram o ferido para varanda de sua casa e chamaram Dora para ela pedir socorro ao cunhado, o médico Aristides Campos. Quando este chegou ao local, não havia mais nada a ser feito. Então, uma comoção correu pela cidade, os irmãos e irmãs que residiam em outras cidades chegaram para a cerimônia fúnebre acompanhados por seus esposas e esposos, com exceção de Mariquinhas e Izimbardo Peixoto.

Uma vez viúva, Etelvina resolveu voltar para Belo Horizonte para ficar mais perto de Atílio, cujo estado de saúde piorara. Os irmãos mais velhos resolveram, então, não realizar a partilha dos bens e criaram uma empresa imobiliária sem a participação da mãe, de Mariquinhas e as filhas solteiras[5] (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 94-95). Ora, não podemos nos esquecer de que a herança legada à Etelvina transformou a vida dos Vivacqua. Mas a forma

[5] As filhas solteiras eram Eunice, Dora e Cléa.

como ela e suas filhas foram tratadas denota como "(...) a diferença sexual tem sido concebida em termos de dominação e controle das mulheres" (SCOTT, 1995: p. 25-26).

E para piorar a situação, Dora estava incontrolável e desafiava diretamente a mãe dizendo que iria encontrar um amante rico e ser famosa se tornando uma atriz. Diante das circunstâncias, Dora finalmente foi enviada para a casa de Atílio Vivacqua, no Rio de Janeiro, com a condição de se comportar. Mas de nada adiantaram os conselhos: Dora iniciou um namoro com o famoso locutor Cesar Ladeira, que a levava para o reduto dos artistas na Lapa, onde ela se exibia com roupas provocantes; depois entabulou outro relacionamento com José Mariano Carneiro da Cunha Neto (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 97-106).

Mariano Filho era herdeiro de uma tradicional[6] família do Rio de Janeiro. Desta feita, os Vivacqua mudaram de opinião, pelo menos momentaneamente, sobre Dora: ela finalmente tinha tomado juízo, principalmente porque Atílio estava ansioso por estreitar laços de amizade com a elite carioca. Ledo engano: Dora recusara os pedidos de casamento de Mariano. Para ela o amor não estava assegurado por um pedaço de papel. E Rubem Braga, que devido à ilegalidade da ANL (1935), ficara por algumas vezes em residência de Atílio, nem sempre foi bem sucedido de sua incumbência de acompanhar Dora.

Atílio finalmente mandou Dora de volta para Belo Horizonte devido a seus compromissos políticos e o comportamento da irmã. Inconformada, esta começou a se aproximar de Carlos, seu cunhado, porque via nele a esperança de retornar ao Rio de Janeiro devido sua influência sobre a família e, sobretudo, Etelvina. Aquele se aproveitou da situação para assediá-la. Mesmo com as recusas de Dora, ele não desistiu de procurá-la e de presenteá-la, até que um dia, sua esposa, Angélica, o surpreendeu bolinando a cunhada (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 113-116).

A escolha da família foi acreditar em Carlos, pai católico e dedicado à família. E a Dora[7], diagnosticada com esquizofrenia, restou uma permanência de dois meses no Hospital Psiquiátrico Raul Soares de Belo Horizonte. Nessa instituição, sofreu maus tratos: não se alimentava, era sedada e, quando se rebelava, era trancafiada em uma solitária ou recebia o

[6] Carneiro da Cunha, família da elite carioca.
[7] Nessa mesma época, Dora revelou à família que fora assediada por outro cunhado, marido de Abigail.

banho de ducha que a impedia de ficar em pé. Somente Acquiles saiu em defesa de sua irmã: apontou uma arma para a cabeça de Carlos e exigiu a verdade sobre os fatos (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 112-117).

Logo Acquiles, também não contemplado pela herança, poeta e doente, demonstrou que as ações são independentes dos gêneros (SCOTT, 1995: 25-26). Assim, mediante o estado de Dora, ele propôs para a irmã uma temporada na fazenda do irmão Archilau, no Espírito Santo. Antes de partir, ela recebeu de Acquiles um volume do livro *Os devaneios de um caminhante solitário*, de Rousseau[8] (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 122). A leitura dessa obra lhe permitiu o contato com ideias as quais lhe ajudaram a respaldar a organização do Naturismo no Brasil, que já naquela época defendia a exposição dos corpos como uma forma de interação integral com a natureza.

Na fazenda de Archilau, Dora saía para o campo e passou a andar nua. Resultado: internação na Casa de Saúde Dr. Eiras, onde era constantemente sedada devido ao seu descontrole. Por lá, ficou até a segunda intervenção de Acquiles. Este, novamente no sanatório, escreveu para Mariquinhas e a pediu que tirasse a irmã do Hospital. Dora foi para casa da irmã, em Campos dos Goytacazes. Os Vivacqua ignoravam a existência de Mariquinhas e de Izimbardo Peixoto[9], mas a partir desse instante ficaram revoltados com a atitude do casal e exigiram o envio de Dora para Cachoeiro (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 122-124). Ficou na casa de Margarida até fugir para o Rio de Janeiro e nunca mais retornar a Cachoeiro.

Uma vez na Capital Federal, procurou o seu antigo namorado, José Mariano, e passaram a viver juntos. No início, os Vivacqua aceitaram a situação com a esperança que daí surgisse um casamento, mas Dora se recusava. Queria viver unida somente se fosse pelo amor e jamais se submeter a um homem. Durante os primeiros tempos de relacionamento, Dora gostou de desempenhar o papel de administradora do lar, mas logo iniciaram os desentendimentos com José Mariano (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 139).

As discussões começaram porque além de ficar muito sozinha, Dora levava uma grande quantidade de animais para serem cuidados em casa. Ao mesmo tempo, conseguiu o brevê

[8] No livro presenteado por Acquiles, foi feita a seguinte dedicatória: "Querida irmã, este homem também foi buscar no campo o refúgio contra a intolerância dos outros".
[9] Izimbardo Peixoto, além de poeta, era também curador de Menores.

para pilotar aviões e passou saltar de paraquedas. Mariano a proibiu de praticar aquele esporte, principalmente, por estar motivado por ciúmes, pois se tratava de uma atividade executada apenas por homens. Contudo, o atrito maior desse período se deu porque Dora, depois de assistir ao espetáculo "Dança do Fogo", com Eros Volúsia[10], no teatro Carlos Gomes, resolveu fazer aulas de dança (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 139-140).

A primeira reação de Mariano foi um sonoro "não", mas Dora tanto insistiu que Mariano acabou lhe dando permissão para fazer as aulas. Mas havia um detalhe: mesmo tendo frequentado por alguns meses as aulas, Dora, já com quase trinta anos, não tinha talento para a dança; achava entediante os movimentos repetidos e, ainda, ficar à sombra de Eros; desejava executar movimentos soltos e ser a atração especial. Para culminar, o relacionamento com Mariano somente piorou, chegando ao fim quando ela descobriu a existência de uma amante. (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 139-140).

Dora deixou Mariano, recusou qualquer ajuda dele, mudou-se para um apartamento bem menor e passou viver da venda de suas joias e das apresentações de frevo realizadas nos circos do subúrbio do Rio. Mas isso não era suficiente para Dora: um dia em uma livraria, encontrou um livro cujo conteúdo referia-se às mulheres da antiga Macedônia que participavam de cultos órficos dançando com cobras (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 139-140). Dora finalmente havia encontrado o elemento para impactar as plateias. Aliás, aquele sempre estivera com ela desde as visitas ao serpentário de Belo Horizonte.

Então, começou a pesquisar qual seria a cobra ideal para fazer os espetáculos, e daí concluiu que a melhor seria a jiboia. Depois de um longo período de procura, chegaram às suas mãos duas, as quais foram batizadas de Cornélio e Castorina e, com oito meses de treinamento, os três estrearam no Circo Pavilhão Azul (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 139-140). Daí em diante, espalhou-se rapidamente a fama da bailarina: dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, passou a se apresentar em teatros para uma plateia elitizada formada praticamente por homens, porém fascinados com sua nudez e bailados com as duas cobras.

[10] Eros Volúsia Machado (1 de julho de 1914 a 1 de janeiro de 2004) foi uma bailarina de formação clássica, mas que se dedicou a difundir os ritmos da cultura brasileira.

FIGURA 2 - *Luz del Fuego*. Fonte: http://www.memoriaviva.com.br/luzdelfuego

Quando ainda se apresentava nos circos, Dora fazia uso do nome artístico Luz Divina, mas logo o trocou por *Luz del Fuego*[11]. À medida que multiplicavam os shows na capital e em vários locais do Brasil – com exceção no estado do Espírito Santo, por meio da pesada influência da família –, Dora conseguiu se desvincular do seu sobrenome. Mas ela continuava sendo um problema, principalmente para Atílio: seus adversários políticos, nos momentos oportunos, associavam-no à irmã e essa estratégia contribuiu para sua derrota nas eleições de 1947, quando se candidatou ao cargo de governador do Estado natal.

Outro problema: *Luz del Fuego* publicou, em 1947, a obra "Trágico black-out"[12], cuja história se desenrola em torno de Paula, uma prostituta, alterego de Dora, que vivencia uma porção de situações picantes. Paula, tal como *Luz del Fuego*, possuía uma coleção de amantes empresários e político. Estes últimos, principalmente, circulavam pelo mesmo ambiente de Atílio. Resultado: o irmão senador conseguiu retirar de circulação mais da metade da edição do livro (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 157-158).

FIGURA 3 - *Luz del Fuego*. Fonte: http://www.memoriaviva.com.br/luzdelfuego

[11] Marca de um batom argentino.
[12] É uma referência aos momentos que o Rio de Janeiro ficava às escuras devido aos treinamentos para enfrentar os supostos inimigos do Brasil.

Embora o livro fosse considerado àquela época pornográfico, ele já trazia menções ao naturismo ao criticar o pudor. Já em Verdade nua (1948), obra de teor autobiográfico, *Luz del Fuego* expôs explicitamente suas concepções do movimento naturista e como este poderia ocorrer no Brasil. A edição continha muitas fotografias de *Luz del Fuego* nua, por isso foi considerado um atentado ao pudor e à moral e condenado pela Igreja Católica, fato que provocou imediatamente o confisco dos volumes pelas autoridades (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 198).

Luz del Fuego transformou-se em sinônimo de pecado, imoralidade e seu nome quase sempre era impronunciável no contexto familiar. Comprovamos isso por meio da entrevista a José Martins, 79 anos, comerciante que era natural de Muniz Freire e morou na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1950 e 1960. Ao ser questionado se já tinha ouvido falar sobre *Luz del Fuego*, ele primeiro olha para o lado, fica por alguns momentos pensativo e responde:

> Aquele negócio dela daquelas apresentações [...] de andar com cobra, não é isso? Era uma mulher assim, acho que assim mais para o lado dessas boates, acho de jogos, me parece, não confirmando para você porque eu não lia: eu ouvia.
> - O senhor ouvia isso onde?
> - Ouvia isso em rádio, ouvia as pessoas falarem [...] o pessoal comentava.
> - Comentavam de que maneira?
> - Aí que tá o problema. Eu vou lembrar mais?!? Não dá para explicar. Não tenho muita coisa para falar sobre [...].
> - Quando ouvia falar de *Luz del Fuego* lá no Rio de Janeiro, o senhor sabia que ela tinha outro nome? Que ela pertencia a uma família...?
> - Não. (Informação verbal)[13].

Contudo, um pouco mais tarde, expondo as dificuldades vivenciadas na caserna no serviço militar, no início dos anos 1950, em momento inteligível de seu depoimento, ele diz:

> - [...] ela era de uma família muito conceituada.
> - Mas o senhor não sabia de qual família era?
> - Nós sabíamos que ela era dos Vivacqua [...].
> - Desde quando ouvia falar de *Luz del Fuego* no Rio de Janeiro, o senhor já sabia que ela pertencia a família Vivacqua?
> - [...] eles eram bem conhecidos, [...] falada (a família) no Espírito Santo, ricos". (Informação verbal)[14].

[13] MARTINS, João (nome fictício). Memórias a respeito de Luz del Fuego. 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 26 jan. de 2016.
[14] MARTINS, João (nome fictício). Memórias a respeito de *Luz del Fuego*. 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 26 jan. de 2016.

Como o próprio José afirma em nossa conversa, ao longo de sua juventude, os filhos e filhas eram obrigados a pensar e agir tal como ordenavam os pais. Parece-nos que ele tem um certo temor em evocar a memória de *Luz del Fuego*, chegando a nos indagar se aquela entrevista não nos traria prejuízos. Diferente daquele, Joana Moreira, 73 anos, professora, revela suas memórias sobre *Luz del Fuego* sem meandros:

> Olha, a primeira vez na minha vida que ouvi esse nome, eu devia ter uns 12 anos. Meu pai chegando em casa e falando: - Tem uma Vivacqua que escreveu um livro (linguagem do meu pai, homem ignorante, da roça) condenando roupa, e os irmãos vão comprar todos os livros para botar fogo". (Entrevista concedida em Cachoeiro de Itapemirim, 28 de janeiro de 2016).

Em 1950, *Luz del Fuego* decidiu atuar na cena política objetivando difundir os ideais do naturismo. Para isso, criou o Partido Naturista Brasileiro – PNB – cujo lema era "menos roupa e mais pão" e a plataforma visava

> [...] defender a mulher, perseguida pelos preconceitos sociais; amparar os artistas em geral; fazer com que o governo estimule suas vocações, proporcionando-lhes meios de estudo e trabalho; divulgar as criações artísticas nacionais em geral, tanto no exterior como no território nacional; demonstrar e propagar a desnecessidade de certas peças da indumentária usada pelo nosso povo, com relação ao clima do país; defender o divórcio como medida moral; lutar pelo barateamento do custo de vida. (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 139-140).

Para registrar o partido, conseguiu, por meio de seus shows, recolher 50.000 assinaturas. Estas, por sua vez, foram entregues ao Sr. Salgado Filho que as apresentaria ao Senador Getúlio Vargas. Mas um acidente aéreo, além de matar o primeiro, destruiu as listas de assinaturas para a legalização do partido em questão (Jornal Folha da Tarde, 18 de setembro de 1950).

Dora passou a se dedicar com tenacidade a criar um clube naturalista. Depois de um encontro com o Ministro da Marinha, *Luz del Fuego* obteve a concessão da ilha Tapuama de Dentro, na baía de Guanabara, que foi batizada de ilha do Sol. Lá, apesar do excesso de rochas, falta de vegetação e água potável, ela conseguiu fundar o primeiro Clube Naturalista da Brasil. Nos primeiros tempos, todo dinheiro resultante de seus shows e venda de joias fora investido na instalação de uma infraestrutura e aposentos para acolher os sócios.

Com uma vasta programação de atividades[15], a Ilha do Sol fez muito sucesso entre 1955 e 1961. O acesso à Ilha do Sol era feito somente sem roupas. Essa era a regra da qual *Luz del Fuego* não fazia concessões a ninguém: fornecedores de água, funcionários, sócios, visitantes anônimos e ilustres. Logo ao chegar à ilha do Sol, lia-se um aviso no pequeno cais: "Nesta ilha é proibido proferir palavras de baixo calão e também práticas indecorosas" (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 216 - 220). Mas *Luz* era consciente de que era impossível esquadrinhar cada área da ilha e vigiar cada ato dos visitantes.

Quando questionados a respeito da Ilha do Sol, José Martins repete o seu comportamento enviesado:

> - O pessoal ia visitar; pegava o barco e ia para lá. Lá na ilha tinha de tudo. Bebida... tinha de tudo.
> - Tinha de tudo o quê?
> - Ah! Eu nunca fui lá (risos).
> - Mas o que o pessoal comentava.
> - Podemos dizer que ela era envolvida com a vida sexual ativa, entendeu? Eu não posso dizer isso. (Informação verbal)[16].

Por outro lado, Joana Moreira, destaca que quando cursou sua graduação na cidade do Rio de Janeiro, entre 1961 a 1965, as pessoas com as quais convivia possuíam "(...) muita curiosidade, pelo fato de eu ser de Cachoeiro, (...) de saber a respeito dela, da família (...). Mas eu tinha pouca informação (...)" (informação verbal)[17].

Em 1961, a Ilha começou entrar em decadência. Os sócios deixaram de pagar as anuidades e, gradativamente, os visitantes diminuíram. Consequentemente, *Luz del Fuego* possuía muitas dificuldades econômicas para manter as obras de melhorias do clube naturalista. Ao mesmo tempo, àquela época, grassava no Brasil um movimento moralista, manifesto na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que contribuiu marcadamente para o desencadeamento do Golpe de 1964. A partir daí, os problemas somente se ampliaram: o Ministério da Marinha ameaçou retirar a ilha do controle de *Luz* (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 225).

---

[15] As atividades eram natação, jogos, banho de sol, esquetes teatrais e bailes de carnaval.
[16] MARTINS, João (nome fictício). Memórias a respeito de *Luz del Fuego*. 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 26 jan. de 2016.
[17] MOREIRA, Joana (nome fictício). Memórias a respeito de *Luz del Fuego*. 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 28 jan. de 2016.

Apesar das atividades de *Luz del Fuego* não possuírem relação com o comunismo, "(...) sua política do corpo (...) representava uma parte do pensamento libertário que o Golpe queria erradicar do país" (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 225). Não tendo mais como manter-se, em 1967, *Luz del Fuego* fechou o clube, mas permaneceu residindo na ilha com seus animais e o vigia Edgar. Mas *Luz* tinha outros problemas: pescadores que assaltavam outras embarcações ou praticavam a pesca com bombas, os chamados lambaceiros (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 234).

Aos cinquenta anos, *Luz del Fuego*, tinha se transformado em uma ferrenha naturalista. Para ela, era inadmissível a pesca com bombas por causa do elevado índice de mortandade dos peixes e demais espécies marinhas. Em várias ocasiões, *Luz* denunciou aquela prática. Contudo, quando chegava à delegacia, sofria humilhações por ser uma mulher, considerada prostituta e idosa. Então, em 1967, os dois pescadores Alfredo e Mozart Teixeira Dias envolvidos nas denúncias, assassinaram *Luz del Fuego* e o vigia Edgar e, a seguir, jogaram seus corpos ao mar (AGOSTINHO; PAULA; BRANDÃO, 1989: 231 - 248).

Também abordados a respeito da morte de *Luz del Fuego*, os entrevistados apresentam comportamentos distintos. José Martins diz: "Eu não ouvi falar. Não sei não. Eu sei, sei, se correu na época o rumor que esse assassinato foi... é, induzido por alguém da família (...)", ao passo que Joana Moreira nos relata:

> - Eu não me lembro de muita coisa não. Só dos jornais noticiando, mas além disso eu não me lembro de nada não.
> - Mas, nada?
> - (Abaixando a voz, como não desejasse ser ouvida) Nesse período a gente estava em plena repressão. As notícias eram muito censuradas. Então foi pouca coisa. (Informação verbal)[18].

Ainda indagados a respeito de suas respectivas opiniões sobre a trajetória da vida de *Luz del Fuego*, José Martins frisa que "(...) cada um tem o direito de escolher. (...). No passado não era bem assim. A gente achava que as pessoas estavam erradas, não devia ter feito isso" (informação verbal)[19]. E Joana Moreira aponta que, depois da

[18] MARTINS, João (nome fictício). Memórias a respeito de *Luz del Fuego*. 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 26 jan. de 2016.
[19] Idem.

> [...] minha formação acadêmica voltei tomar conhecimento de *Luz del Fuego*, Dora Vivacqua, numa visão mais científica. Entender o que é o nudismo, a proposta dela, é... completamente diferente do senso comum, né? Como adulta, professora [...], eu entendo que ela foi uma pessoa que teve, embora não concorde por princípios, mas eu não posso de ver nela uma pessoa que sabe o que quer, que luta pelo que quer, que está acima de todos os padrões impostos por moral, religião, é... preconceitos. Acima de tudo isso. [...] eu entendo que é uma pessoa que soube defender o que acreditava. Meu pensamento hoje é esse. (Informação verbal)[20].

Sobre a percepção dos habitantes de Cachoeiro de Itapemirim em relação à *Luz del Fuego*, Joana Moreira ressalta que existe uma parcela daqueles que compreendem a contemporaneidade de suas concepções a respeito do naturismo. Para corroborar com o julgamento de Joana Moreira, a cidade tem apresentado alguns sinais de elaboração de um sentimento de pertencimento no que concerne à *Luz del Fuego*. Aqueles, independentemente quando revelados, nos proporcionam outra visão de determinados eventos até então cobertos por camadas dos escombros ideológicos.

Para ratificar o que foi dito anteriormente sobre *Luz del Fuego*, podemos citar uma caricatura imensa estendida, ao lado de outras personalidades cachoeirenses, em frente ao Palácio Bernardino Monteiro, sede da prefeitura, no carnaval de 2009, como também o fato de ela ter sido tema de "Cobra criada", vencedora do 4º concurso de Marchinhas de Cachoeiro de Itapemirim de 2015. Fato curioso, contudo, é um estêncil – onde se lê: "*Luz del Fuego* é de Cachoeiro" – que surgiu no final de 2014, exatamente na rua Consta Pereira, em frente a casa onde residiu a nossa personagem, e provavelmente no local onde o seu pai foi assassinado.

FIGURA 4 - Estêncil sobre *Luz del Fuego.* Fonte: Silvana Mª Gomes da Rocha (Arquivo particular).

[20] MOREIRA, Joana (nome fictício). Memórias a respeito de *Luz del Fuego*. 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 28 jan. de 2016.

Considerando que o estêncil – arte urbana feita a partir de moldes vazados – "(...) constitui-se uma forma de evocar a cidade (...)" (SILVA, 2001: 95), então também podemos considerá-los "(...) pistas, sintomas, signos pictóricos (...)" (GINZBURB, 1991: 150) sinônimos de territorialidade. Ou seja, algumas pessoas que circulam por aquela rua em seu anonimato diário elegeram *Luz del Fuego* para reativar a memória – fenômeno também coletivo e social – e, inconscientemente, demonstrar as constantes transformações pelas quais passam as formas de narrar a história de uma cidade.

Referências:

AGOSTNHO, Cristina; PAULA, Branca de; BRANDÃO, Maria do Carmo. **Luz del Fuego:** a bailarina do povo. São Paulo: Círculo do Livro Ed., 1994.

ARQUIVO PÚBLICO DIGITALIZA IMAGENS DO FOTO CLUBE DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: http://www.ape.es.gov.br/noticias/105.html. Acesso em: 7 de jul. 2015.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 2. ed., Lisboa: Dinalivro, 2004.

CARVALHO, Marco Antonio de. **Rubem Braga –** Um cigano fazendeiro do ar. São Paulo: Globo Ed., 2007, páginas 156 a 157.

CARVALHO, Marco Antonio de. **Memórias de Cachoeiro**. Rio de Janeiro: Booklink Publicações LTDA Ed., 2005, página 55.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano –** artes de fazer. Vol. 1; 6. ed.; tradução: Ephrain Ferreira Alves; Petrópolis: Vozes Ed., 2001.

DEVORADAS PELO FOGO AS ESPERANÇAS DO PARTIDO NATURALISTA. Publicado na Folha da Tarde, Segunda-feira, 18 de setembro de 1950. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_18set1950.htm. Acesso em: 27 de fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 22. ed.; tradução: Raquel Ramalhete; Petrópolis: Vozes Ed., 2000.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. 2. ed.; tradução: Federico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

OLIVEIRA, José Teixeira de Oliveira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3. ed., Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo Ed., 2008.

LUZ DEL FUEGO. Disponível em: http://www.memoriaviva.com.br/luzdelfuego. Acesso em: 7 de jul. 2015.

LUZ DEL FUEGO: A LILITH CAPIXABA. Disponível em: http://remisson.com.br/2013/04/2016/luz-del-fuego-a-litlitli-capixaba-renata-bomfim/. Acesso em: 24 de fev. 2016.

MARCHINHA SOBRE LUZ DEL FUEGO VENCE CONCURSO. Disponível em: http://www.cachoeiro.es.gov.br/site.php?nomePagina=NOTICIA&id_sobre_Luz_del_Fuego_vence_concurso. Acesso em: 5 de jul. 2015.

MARTINS, João (nome fictício). **Memórias a respeito de *Luz del Fuego*.** 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 26 jan. de 2016.

MEYER, Sandra. **Imagens do feminino e do nacionalismo nas danças solo no Brasil:** o bailado de Eros Volúsia e a performance de Luiz de Abreu. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2013/Urdimento_21/eros_volusia_e_luiz_de_abreu.pdf. Acesso em: 1 de mar. 2016.

MOREIRA, Joana (nome fictício). **Memórias a respeito de *Luz del Fuego*.** 2016. Entrevista concedida a Silvana Maria Gomes da Rocha. Cachoeiro de Itapemirim, 28 jan. de 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 15 de fev. 2016.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. Tradução: Mariza Bertoli e Pérola de Carvalho; São Paulo: Perspectiva Ed., 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Ed., 2013.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico –** um século de imigração italiana no Brasil. Tradução: Maria Rosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão; São Paulo: Nobel Livraria S.A. Ed., 1989.